

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CURITIBA
FACULDADE DE DIREITO DE CURITIBA**

OLIVER MATIAS SENA RIVEROS

RESPONSABILIDADE VOEGELIN X ARENDT

**CURITIBA
2018**

OLIVER MATIAS SENA RIVEROS

RESPONSABILIDADE VOEGELIN X ARENDT

**Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Direito, do
Centro Universitário Curitiba.**

Orientador: Marcelo Bueno Mendes

**CURITIBA
2018**

OLIVER MATIAS SENA RIVEROS

RESPONSABILIDADE VOEGELIN X ARENDT

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Direito da Faculdade de Direito de Curitiba, pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Orientador: _____

Prof. Membro da Banca

Curitiba, de de 2018.

RESUMO

Esse trabalho busca analisar elementos que podem influenciar as crenças e os ideais das pessoas e conseqüentemente possuem o potencial de mudar o próprio direito. A Alemanha nazista, situação histórica aqui analisada, é um dos melhores exemplos desse fenômeno pois nela mudança de crenças causadas nas pessoas foi em um nível tão elevado que dificilmente é alcançável mesmo nos dias de hoje. Além disso também estudarei as formas como os ideais nazistas poderiam ter sido combatidos e se seria possível evitar o crescimento do movimento. Quais ações outras nações poderiam ter tomado a fim de prevenir os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial? Ou mesmo sequer era possível impedir a Segunda Guerra Mundial acontecer. Isso tudo com o objetivo de responder a controvérsia existente entre Hannah Arendt e Eric Voegelin a responsabilidade pelas ações realizadas pelo partido nazista é de responsabilidade da Alemanha em geral ou apenas de alguns poucos líderes do partido nazista?

Palavra-chave: Nazismo, responsabilidade, moral.

SUMÁRIO

RESUMO	7
1 INTRODUÇÃO	5
2 MORAL INFLUENCIANDO O DIREITO	7
2.1 MORAL.....	7
2.2 NAZISMO.....	8
2.3 FATORES QUE PERMITIRAM A INFLUÊNCIA DA MORAL NO DIREITO DURANTE O NAZISMO.....	12
2.3.1 Pré-disposição.....	12
2.3.2 Instabilidade Política.....	17
2.3.3 Líder Carismático.....	19
2.3.4 Vazio de Pensamento.....	20
2.3.5 Propaganda.....	23
2.3.6 O Frágil Orgulho Nacional da Alemanha.....	27
3 INTERFERÊNCIA CULTURAL EXTERNA	32
3.1 FACILITANDO O ANDAMENTO DO JULGAMENTO.....	34
3.1.1 Promovendo o Julgamento.....	34
3.1.2 Todos são Iguais Perante a Lei.....	37
3.1.3 Estabilidade Social.....	39
3.2 FORMAS COMPLEMENTARES DE INTERVENÇÃO.....	42
3.2.1 Educação.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo existiram diversos capítulos na história da humanidade onde se colocou em questão se os valores e costumes de um determinado grupo de pessoas era correto e deveria ser respeitado ou se eram errados e deveriam ser suprimidos em nome de algum bem maior. O exemplo de ações nesse gênero são vários tais como a escravidão e sua abolição, a colonização de continentes descobertos e suas independências entre outros.

Não há dúvidas que tais exemplos são apenas dois de uma infinidade existente. Dentre eles o mais interessante talvez seja o do Nazismo. Nele vemos o surgimento de ações, por parte do Estado, desenvolvidas para caçar o povo que deveria defender.

Existem inúmeros materiais que abordam o Nazismo e a Segunda Guerra Mundial. Não sendo incomum, a procura tanto pelos responsáveis por esses atos de perseguição quanto pelos fatores que permitiram que tais fatos se desenvolvessem em um nível tão preocupante.

Dentre os vários estudiosos do assunto dois pontos de vista mais antagônicos são o de Eric Voegelin e Hannah Arendt. Enquanto o primeiro defende um ponto de vista onde todos os alemães seriam responsáveis pelo que ocorreu, que Hannah Arendt afirma que colocar uma responsabilidade genérica em todos os alemães é o mesmo que isentar os verdadeiros culpados de suas responsabilidades.

Esses dois pontos de vistas são o objetivo de análise desse trabalho. Em primeiro lugar se faz necessário ter um entendimento do que é considerado moral e de como ela se altera com o tempo, depois é preciso estudar o contexto da Alemanha nazista e os elementos capazes de influenciar as pessoas e seus pensamentos. Dentre esses fatores são alguns as propagandas, instabilidade políticas, nacionalismo, inexperiência política entre outros.

Por último farei uma análise da forma como o Nazismo poderia ter sido combatido fora dos campos de batalha e após a derrota da Alemanha. Esse tópico

terá como objetivo fazer um paralelo, com as medidas que poderiam ter sido tomadas após o fim da primeira guerra mundial de forma a impedir o crescimento de pensamentos tão radicais.

2 MORAL INFLUENCIANDO O DIREITO

2.1 MORAL

Para determinar se a Moral influencia o Direito primeiro se faz necessário explicar o que ela é.

Yves de La Taille (2006, p. 22) em seu livro “Moral e Ética” define moral como sendo “... um conjunto de regras de conduta consideradas como obrigatórias”. É importante destacar que essa obrigatoriedade não é necessariamente imposta pela lei.

A Moral se origina das tradições de uma cultura; quanto mais tempo essas tradições estão sendo seguidas por um determinado povo mais forte elas ficam. Chegando ao ponto de, às vezes, se tornar um código de como se portar naquela comunidade. O indivíduo querendo ser aceito pela sociedade segue essa norma. Quando esse código atinge um certo grau de relevância, o ordenamento jurídico pode acabar transformando-o em lei. Entretanto, a obrigatoriedade de seguir esse código (moral) já existia entre as pessoas, de forma implícita, antes do direito reconhecê-las.

Podemos ver a existência de vários tipos de costumes, aqueles que são fundamentais para a sociedade e se tornam códigos, costumes que, apesar de serem seguidos por alguns não gera repercussão caso sejam ignorados entre outros. Para o tema em questão os dois tipos de costumes mais importante são aqueles que a comunidade acredita que devem ser seguidos (moral), e que posteriormente, integram o sistema jurídico e os costumes, que apesar de serem seguidos, não são aceitos pelo Direito.

Se considerarmos a moral apenas como sendo um conjunto de regras que uma determinada sociedade considera obrigatória ou fundamental, deve-se entender

que dentro de cada comunidade haverá uma moral diferente. Portanto, o que é considerado moral em uma, pode não ser considerada em outra.

Se faz necessário então analisar uma sociedade como se estivéssemos dentro e fora dela. Ou seja, é necessário que sejamos capazes de momentaneamente não julgar as ações daquelas pessoas como erradas, independentemente dos valores no qual fomos criados e posteriormente julgarmos com valores de fora daquela sociedade. Isso por que, o exemplo trazido aqui (nazismo), para pessoas dentro do contexto da época, eram as ações corretas a se fazer e era um costume daquele grupo e, portanto, suas ações eram morais. Claro que dentro de outro grupo de pessoas as ações do Nazismo são consideradas erradas, essa diferença de visão é a peça chave desse estudo.

2.2 NAZISMO

Existem muitos exemplos de costumes que foram acolhidos por diferentes sistemas jurídicos. Entretanto, nem sempre os costumes são aceitos pelo ordenamento jurídico. Muitas vezes eles podem ir contra uma determinada norma e nem por isso o Direito se altera. Os exemplos de ambas as categorias são mais facilmente encontrados na Alemanha Nazista.

O Nazismo foi um movimento político que ocupou a Alemanha durante o ano de 1933 até o final da segunda guerra mundial. Criado pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, esse movimento aplicava e se baseava na idéia de segregação racial, principalmente, contra os judeus, possuidor de um viés totalitário. O movimento pregava a idéia da superioridade natural do povo alemão, além de, acreditar na figura de um líder supremo, Adolf Hitler que era encarregado por todos os assuntos do Estado. O Nazismo cresceu sob a promessa de fazer com que a Alemanha se reerguesse da situação decadencial na qual ela se encontrava.

No livro “Minha luta”¹ Adolf Hitler expressou seus ideais e os justificou dando um motivo diferente pela situação do país. Na época, muitos acreditavam que os problemas da Alemanha se dava principalmente por conta da economia e pela derrota na primeira grande guerra. Entretanto, no livro é escrito que esses fatos, são erroneamente e propositalmente apontados como causa principal pelos verdadeiros culpados os judeus.

No livro podemos perceber um pouco da grande capacidade de Hitler no convencimento. Um pequeno exemplo desse poder percebemos no capítulo 10 onde ele aponta as “mentiras” espalhadas pelos Judeus. Hitler não sai de imediato os acusando e pregando seu extermínio. Primeiro eles acusam, depois os diminui afirmando que em situações normais não valeria a pena discutir com eles e tentar desmenti-los, então, para e começa a sua propaganda sobre os grandes feitos dos exércitos alemães e sobre como eles lutaram bravamente apesar de uma esmagadora desvantagem numérica.

Essa parte destaca bem o poder de convencimento de Hitler, pois apesar dele tecer acusações contra os judeus alegando que eles mentiram, ele não promove idéia de extermínio de forma imediata. Ao invés disso, ele muda desse assunto para outro com o propósito de aumentar a moral do leitor alemão que ao saber sobre os grandes feitos do exército de seu país esquece de ler o livro de forma crítica e analítica, e ao invés de pensar sobre o conteúdo ele deixa que o conteúdo pense por ele.

Apesar de ser apenas um exemplo, os poderes de convencimento dos ideais nazistas são bem conhecidos, uma vez que, durante sua duração o governo com apoio da população, conseguiu mandar milhões de judeus para os campos de concentração causando o massacre de milhões de pessoas.

Deve-se destaca que Hitler em sua visão jamais mentiu sobre a culpa dos judeus e seus crimes. Eles não foram apenas um bode expiatório, para o líder do 3º reich a culpa dos judeus era algo confirmado. Compreendendo melhor o motivo para

¹ HITLER, Adolf. **Minha Luta**. 7 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

isso destaco alguns fatos quanto aos pensamentos dele retirados do livro “Minha luta”. No capítulo V, intitulado “A grande guerra” localizado na primeira parte do livro. Hitler deixa claro que desde jovem era alguém apaixonado por guerras e pelas honras que ela trazia. Ele ansiava por ter uma chance de lutar por seu país em um campo de batalha e acreditava que essa era a melhor forma de demonstrar sua lealdade para com a pátria. Além disso, também pode-se perceber que havia possibilidade de que no futuro o mundo virasse um local onde os conflitos armados seriam substituídos por uma concorrência não armamentista entre os povos e isso o desagradava.

Mais adiante, no capítulo VII da primeira parte do livro, é descrito a volta de Hitler para Alemanha após ser ferido no front. É descrito que a opinião popular na época estava fortemente contra os esforços empreendidos na guerra e que os discursos pacifistas estavam ganhando força. Coisa que para ele era inaceitável, mais uma vez demonstrando o seu amor pela guerra. Chegando nessa parte ele dá um destaque especial para a opinião sobre a guerra no mundo dos negócios descrevendo-a como sendo ainda pior.

Nesse momento o livro fala sobre como os judeus estavam em grande parte nos escritórios, os comparando com morcegos, que ao se fazer indispensável estava continuamente, sugando o sangue do povo. O discurso continua acusando os judeus de terem se aproveitado dos esforços de guerra para tomar controle da economia da Alemanha e sobre uma suposta trama deles para destruir a Prússia e a Baviera.

Além de gostar da guerra outra característica de Hitler era o seu patriotismo extremamente forte, exemplo disso é encontrado quando ele escreve que a primeira vez que ele chorou, após a morte de sua mãe, não foi quando se deparou com a possibilidade de ficar permanentemente cego, nem quando algum companheiro morria em batalha, mas sim, quando descobriu que a Alemanha havia perdido a guerra, ou como ele futuramente diria, havia se rendido.

Combinando esse grande patriotismo de Hitler juntamente com a sua aversão ao comércio e suas teorias conspiratórias, fica claro o motivo pelo qual Hitler justificaria o extermínio dos judeus. Na mente dele os judeus haviam se aproveitado

do esforço de guerra, que era algo que Hitler idolatrava, para se fortalecer economicamente as custas da pátria dele, que ele também idolatrava, e além disso, enfraqueceram o país virando o seu povo contra si mesmo.

Baseado em tudo isso, é óbvio que os judeus, na mente de Hitler, mereciam o destino que receberam ao chegarem aos campos de concentração, afinal, eles estariam pagando pelos seus crimes contra o povo, além disso, seus trabalhos dentro do campo juntamente com as riquezas que eram tiradas deles, ainda auxiliariam no crescimento do país, que eles haviam prejudicado pelos seus motivos egoístas.

Uma vez que Hitler atingiu o poder e com auxílio de sua habilidade de convencimento o ato de mandar judeus para campos de concentração e, antes disso, promover discriminação dessas pessoas as obrigando a andar na rua com identificações especiais, não foi uma tarefa difícil, e logo isso, se tornou uma prática aceita pelas pessoas (dentro da Alemanha) e que foi aceita pelo Direito tanto que quem não cumprisse essa prática era severamente punido. Entretanto, fora desse contexto (e após a derrota na 2ª guerra) tais atos não foram aceitos pelo Direito internacional.

A partir disso, fica claro que a Moral pode influenciar o Direito, mas essa influência não é absoluta e nem sempre consegue alterar o ordenamento jurídico. Fica a questão: quando ela consegue exercer essa influência? E quais são os conjuntos de fatores que permite essa alteração?

Para tentar entender quando a moral é aceita ou não pelo Direito escolhi focar apenas no Nazismo. Pois ao mesmo tempo que a prática foi aceita por um Direito (Direito Alemão) ele foi repudiado por outro (Direito Internacional que foi aplicado no Tribunal de Nuremberg), permitindo uma comparação mais fácil o choque entre esses dois entendimentos.

2.3 FATORES QUE PERMITIRAM A INFLUÊNCIA DA MORAL NO DIREITO DURANTE O NAZISMO

2.3.1 Pré-disposição

Eric Voegelin em seu livro "Hitler e os alemães"² afirma que o maior problema da Alemanha na época não foi a existência de um partido com ideias nacional-socialista, mas sim a condição espiritual da sociedade (os alemães) que permitiu os tais pensamentos chegarem ao poder.

A humilhação de perder seus territórios e suas forças armadas fez com que surgisse entre os alemães, um sentimento de inconformismo e revanchismo. Ao se aproveitar desses sentimentos, o nacional-socialismo se instalou no país.

Esse pensamento tem mais respaldo ao lembrarmos que o autor também expressou a idéia de que a subida de Hitler ao poder estava ligada a uma pré-disposição dos alemães. Portanto, o sentimento de revanchismo juntamente com a necessidade de culpar alguém pela humilhação sofrida, se tornando essa disposição, necessária para que o regime nazismo cresce-se.

No livro "Memórias da Segunda Guerra Mundial" de Sir Winston Churchill, o autor afirma que a idéia de a Primeira Guerra Mundial ser "a guerra para acabar com a guerra" era algo extremamente possível. Porém, não alcançou esse objetivo por que a Primeira Guerra, ao contrário da maioria dos conflitos, não se tratou de uma guerra entre governos, e sim entre povos e, portanto, ela teve uma conotação mais pessoal para os diferentes países envolvidos. Essa diferença no grau de envolvimento fez com que a Alemanha, que era considerada a principal causadora do conflito, quando derrotada ficasse à mercê da paixão dos vencedores.

A Tríplice Entente era incapaz de controlar a exigência de seus povos de que o sacrifício que a guerra exigiu deles deveria ser cobrada da Alemanha e eles não

² VOEGELIN, Eric. **Hitler e os alemães**. 22 ed. São Paulo: É realizações, 2015. p. 106

ousariam contrariar a vontade de sua nação, uma vez que, fazer isso seria o equivalente a perda de votos em seus países. Motivada por esse apelo e pelo medo que as forças perdedoras fossem capazes de se reerguer e mais uma vez ameaçar outros países, foram impostas sanções extremamente severas.

Em primeiro, o território francês passaria a se estender até o Reno, que ofereceria uma proteção natural que permitiria que a França tivesse mais segurança quanto às futuras ameaças. Depois foi imposto taxas extremamente altas a serem pagas pela Alemanha. Tão altas que nenhum país perdedor de uma guerra recém terminada teria condições de pagar. No entanto, Winston Churchill, afirma que tais taxas eram uma representação da raiva dos vencedores - um descaso com a situação alemã que, devemos lembrar, teve perdas tão grandes quanto qualquer vencedor nos conflitos armados. Essa combinação de medo, raiva, política e desconsideração com a situação alemã no pós-guerra teve um profundo impacto no estado de espírito alemão.

Analisando essa perspectiva, percebe-se o motivo pelo qual os alemães estavam dispostos a acreditar em qualquer pessoa que afirmasse ser capaz de reerguer o país, e que na verdade, a guerra não havia sido realmente perdida; o que acabou deixando o povo cego para as ações de seu governo e dessa forma o apoiando totalmente. Entende-se que sem oposição das massas um governo não possui nenhum freio para suas ações, permitindo fazer qualquer coisa que se considera correta.

Reforçando essa idéia, temos os pensamentos trazidos por Gene Sharp: segundo ele, todos os Estados possuem uma figura do poder social. Esse poder é a capacidade de controle de outros de forma direta ou indireta. O Poder Político, esse é a totalidade de autoridade, influência, pressão e coerção que pode ser aplicado para alcançar ou impedir a concretização da vontade daquele que possui o poder. Entretanto essa figura do poder é volátil ela pode aumentar ou diminuir dependendo da boa vontade, das decisões e do apoio das pessoas. Na visão de Sharp o Poder Político é extremamente frágil e está constantemente precisando ser reforçado através da cooperação de instituições ou pessoas. Sem essa cooperação qualquer governo, independentemente de ser totalitário, comunista, ditador irá cair.

Existem um total de sete fontes do Poder Político são elas a autoridade, sanções, recursos humanos, habilidade e conhecimento, recursos materiais e fatores intangíveis. Em seu livro³ “Poder, Luta e Defesa” Gene Sharp explica cada uma dessas fontes. A Autoridade é a forma de poder onde o governo é obedecido e as pessoas voluntariamente o aceitam não existindo a necessidade de sanções. Recursos humanos é o número de pessoas que obedece, coopera com o governo. Aptidões e conhecimento é a relação que existe entre as aptidões, conhecimento e habilidades das pessoas e com a necessidades delas. Fatores imateriais são elementos como ideologias, hábitos e atitudes diante da obediência e submissão. Recursos materiais é o nível de controle que o governo possui de suas propriedades, recursos naturais e financeiros. Por último temos a Sanção essa é o tipo e a quantidade de sanções que o governo tem disponível para serem aplicadas em seus súditos e em outros governantes.

É necessário destacar que apesar de que para Sharp afirma existir mais do que um tipo de poder, todos eles dependem da existência de uma cooperação e obediência por parte dos súditos. Um exemplo trazido pelo autor é o fato de que o governo não consegue se manter sozinho ele constantemente precisa de ajuda não apenas dos indivíduos, mas também de organizações como os ministérios, departamentos comissões etc., mas também de funcionários, empregados e assim por diante.

Independentemente de quais sejam as fontes de poderes da qual o governo faz uso elas são os pilares que o sustentam. Se tais pilares enfraquecerem o governo irá enfraquecer junto e eventualmente cairá.

Para uma melhor visualização da existência e necessidades dessas fontes de poder, podemos trazer o exemplo de um processo de enfraquecimento governamental de como o Império Brasileiro ruiu dentro da história nacional. Na época de Dom Pedro II os pilares que sustentava o governo eram três: a igreja, os latifundiários donos de escravos e os militares.

³ SHARP, Gene. Poder, Luta e Defesa, São Paulo, setembro.2017. Disponível em: <http://www.palasathena.org.br/eticaeculturadepaz2012/download/ModuloVII/Poder%20Luta%20e%20Defesa_Gene%20Sharp.pdf> Acessado em: 02 set 2017>

Por volta do ano de 1864 na Europa ocorria conflitos entre maçons e católicos em resposta ao conflito o papa decretou uma proibição da relação entre clero e a maçonaria com o passar do tempo tal conflito se estendeu ao Brasil. O que gerou conflito entre o Imperador e a Igreja. Ao se opor diretamente contra o decreto do papa Dom Pedro II perdeu o apoio do mesmo e por extensão o apoio de grande parte da igreja.

Ao ser pressionado pela Inglaterra Dom Pedro II aboliu a escravidão, entretanto isso desagradou os donos de escravos que além de perder suas propriedades de forma abrupta também não receberam nenhum tipo indenização por seus prejuízos.

Por último o apoio dos militares foi perdido pois após a vitória na guerra do Paraguai o exército estava insatisfeitos com sua situação pela falta de prestígio e exigiam ter lugar no parlamento o que não foi dado pelo Imperador devido à situação política já estar muito delicada na época.

Ao perder o apoio dessas três forças o governo do Império ficou fragilizado, permitindo assim que os republicanos dessem um golpe. Apesar, de a razão final da queda do Império foi devido a um golpe militar ainda não houve o uso de violência e mesmo isso não tendo sido planejado o processo de queda ainda seguiu o processo de enfraquecimento das bases governamentais apresentado por Gene Sharp.

Voltando ao contexto da Alemanha Nazista, é importante notar que a força do nazismo, diferente do que ocorreu no Império do Brasil, não vinha de um ou dois grupos específicos da sociedade, mas sim das massas. Portanto, percebemos que apesar de o governo ter feito coisas terríveis o povo assentiu com tais ações, assim, fortalecendo os pilares do governo e conseqüentemente todas as suas determinações e leis.

Levando isso em consideração a visão apresentada por Eric Voegelin de que havia uma disposição dos alemães para com o governo encontra mais uma base de sustentação.

Segundo o autor (2015, p. 106), a derrota militar de tais pensamentos não o fariam desaparecer na verdade o faria permanecer. Afinal, se uma derrota instalou a idéia do nazismo, imaginar que uma segunda derrota inflaria ainda mais tal pensamento não é algo difícil. A resposta a essa questão, de como seria possível suprimir as ideias nazistas, encontra-se nas idéias de Gene Sharp. Não havia a necessidade de uma solução armada para suprimir esses pensamentos bastava atacar as bases do governo uma vez que ele caísse os ideais que eles sustentavam naturalmente perderiam sua força pois provaria que esses pensamentos não tinha a capacidade de fazer o que prometiam que era o fortalecimento da Alemanha.

Embora o método de não violência não tenha sido aplicado dentro da Alemanha Nazista, novamente, devido ao fato do povo alemão estar disposto a seguir o regime. Esse método foi utilizado como forma de resistência em alguns dos países que foram invadidos pelos alemães.

Alguns exemplos trazidos pelo autor foram os casos da Holanda, Noruega e Dinamarca. Na Noruega os professores se manifestaram através de cartas dizendo que não poderiam ensinar as crianças as ideias facista. Indo assim contra o decreto do “ministro-presidente”. Em retaliação às escolas, foram fechadas por um mês, porém isso, não impediu os professores que passaram a dar aulas particulares em casas. No entanto, após isso mil professores foram presos e mandados para campos de concentração. O que gerou manifestação de crianças que cantavam nas estações de trens, enquanto os professores embarcavam.

Ao reabrir os colégios os professores ainda se manifestavam de forma contrária ao regime e falavam sobre dever e consciência. Após sofrer mais pressão por parte dos professores o governo soltou os mil que estavam presos e Hitler ordenou a desistência do plano de impor um Estado corporativo no país.

Os últimos exemplos que darei nesse tópico, embora ainda existam outros, é o fato que, embora a primeira tentativa de Hitler adquirir o poder foi através de um golpe (apesar dessa medida drástica), quando ele foi condenado o sentimento geral da nação foi de injustiça: eles estavam se prejudicando e ao fazer isso realizavam o

jogo dos estrangeiros. Em resposta a essa opinião a pena de Hitler mudou de 4 anos para apenas treze meses. Essa mudança significativa na pena não teria sido possível sem um grande apoio popular que os ideias de Hitler começavam a conquistar.

Em 1933, numa tentativa do então presidente Hindenburg de aplacar a oposição ao seu governo, Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha, mas como se veria o Fuhrer não tinha a intenção de parar sua ascensão no poder. Pelo contrário, sua nomeação como chanceler o permitiu o início de sua busca pelo poder absoluto.

É importante destacar que após se tornar chanceler, Hitler conseguiu poder absoluto na Alemanha, mas isso não se deu em um golpe como na sua tentativa anterior. Na verdade, sua ascensão se deu de forma legal. A nomeação de seu líder ao cargo público deu aos nazistas acesso aos recursos necessários para conseguir o quórum de dois terços para mudar, legalmente, a constituição. Algumas de suas primeiras ações como chanceler foi marcar novas eleições para o dia 5 de março além de iniciar uma perseguição aberta aos esquerdistas.

Na perseguição aos esquerdistas os nazistas não precisavam demonstrar muito comedimento, pois nesse ponto contariam com o pleno apoio dos conservadores. Os ativistas democráticos sociais e comunistas, muitos deles judeus, tornaram-se os primeiros alvos do terror sancionado oficialmente, sob o novo regime.⁴

Com essa última citação acredito que a pré-disposição do povo alemão em aceitar esse novo regime foi comprovada. Embora deva-se destacar que todas essas ações não foram possíveis de um dia para o outro, mas sim após um tempo de continua exposições a essas ideias.

2.3.2 Instabilidade Política

⁴ STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**. 2002 5º ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 2002. p. 145

Outro elemento que permitiu a ascensão do nazismo e da moral e práticas dele, foi a instabilidade política existente na época. Talvez a palavra certa para descrever a situação não seja instabilidade, mas sim incerteza ou mesmo novidade política.

Até o momento Alemanha era governada na forma de um império, foi apenas em 1918 que o Império Alemão foi dissolvido devido a uma revolução acusada pelo descontentamento do povo referente à persistência da Alemanha em permanecer na primeira guerra mundial. Segundo essas pessoas os custos da guerra já estavam muito alto. Porém o Imperador se recusava a ouvir o povo e como resultado deu-se início a uma série de eventos que ficou conhecido como Revolução alemã.

Durante aproximadamente um ano houve inúmeros eventos com a intenção de pressionar o governo tentando o convencer de encerrar com o esforço de guerra. Entre esses eventos está listado como marco inicial a recusa dos marinheiros alemães a seguir ordens e ir lutar contra a marinha britânica no Canal da Mancha.

Como resultado dessa revolução a Alemanha deixou de ser Império e em seu lugar surgiu uma república. Não há dúvidas que com grandes mudanças em um país há impactos em todas as áreas do mesmo, esse impacto gera incertezas e por um período de tempo, insegurança, principalmente no caso da Alemanha onde acabava de sair de uma forma de governo e entrava em outra, com a qual nunca havia tido experiência, e era quase que o oposto da implantada até o momento.

Para piorar ainda mais a situação, de acordo com o já mencionado livro “Memórias da Segunda Guerra Mundial” a implantação da república na Alemanha não foi um processo natural, mas sim uma jogada estratégica. Os vencedores impuseram aos alemães seus ideais, porém por essa implantação não ter se originado de um movimento social que buscava a democracia, as pessoas não estavam preparadas para esse tipo de governo e o principal motivo dela ter sido aceita na Alemanha foi para que ela tivesse chance de receber um tratamento melhor dos Aliados, já que os Estados Unidos possuíam um preconceito com a

monarquia. Adotar esse novo regime era uma tentativa válida de obter esse tratamento menos severo.

Porém, apesar das boas intenções, o país não tinha experiência com essa nova forma de governo, o que deixou brechas no novo regime. Brechas as quais, Hitler soube aproveitar, em seu favor. Além disso, as leis, tradições e forças que apoiavam a república e que precisavam ser derrubadas para implantação das leis nazista eram muito mais recentes em comparação as que existiam no império. Portanto, exigiam muito menos esforço para sua retirada e implantação de uma nova, já que não possuíam uma tradição, e os ideais por trás delas não haviam sido adquiridos pelo povo do país, mas sim, implantados “artificialmente” a partir de uma imposição de outras nações.

Pôde-se dizer que a Revolução Alemã atingiu seu objetivo de retirar o país da guerra, porém, o preço foi a queda de um sistema político e a implantação de um outro mais fraco que o seu predecessor. Como preço final, essa troca permitiu que os ideais nazistas fossem implantados, o que futuramente mergulharia a Alemanha em outra guerra.

2.3.3 Líder Carismático

Em seu livro “Poder, luta e defesa” Gene Sharp escreve “A chave para se conseguir uma obediência regular consiste em atingir a mente. ” (1983, p. 22). Se esse é o caso, não há dúvidas que Hitler conseguiu atingir a mente das pessoas. Isso é um fato inegável, que constituiu um dos motivos fundamentais para que ele conseguisse todo o poder e apoio que ele tinha.

A sua capacidade em convencer milhões de pessoas que suas idéias estavam corretas foi algo notável. Mesmo se considerando a idéia apresentada por Eric Voegelin⁵ de que:

⁵ VOEGELIN, Eric, 2015. p.80.

[...] um grande número de alemães, talvez a grande maioria, eram de fato extraordinariamente estúpidos, que, em matéria política, um grande número talvez ainda seja, e o que vemos aqui seja uma situação de apodrecimento moral e ético que, de fato, fundamentou a ascensão do fenômeno de Hitler.

Sua habilidade ainda era notável. Mais adiante também, é apresentada a questão: se Hitler foi um líder ou um homem que conseguiu se aproveitar da corrupção do povo e assim chegou ao poder possuindo uma habilidade política muito grande.

Quanto a isso não temos como saber se foi realmente o caso, embora, seja difícil acreditar que todo um país seja corrupto, mesmo considerando essa hipótese como verdadeira, ainda não diminuiu o nível de dificuldade de fazer o que foi feito por ele. Ser capaz de fazer com que milhões de pessoas olhem para um problema e vejam a mesma solução é algo notável. A possibilidade de eles serem corruptos não diminui esse feito na verdade talvez o aumente, pois com um povo corrupto não haveria milhões de pessoas com um objetivo em comum (a melhora da situação de seu país) mas sim milhões de pessoas com diferentes objetivos, querendo o melhor para si mesmas.

Então, seja para fazer com que tantas pessoas acreditem na mesma solução para um único problema, ou seja para convencer, essas mesmas pessoas que todos os seus problemas possuem a mesma solução, um grande poder de convencimento era fundamental para Hitler conseguir ascender politicamente.

2.3.4 Vazio de Pensamento

Conforme dito nos títulos anteriores Hitler possuía uma forte convicção que as ações perpetuadas em seu governo eram justas e não mereciam nenhum tipo de reprovação moral. Embora seja seguro afirmar que muitos de seus apoiadores

compartilhavam dessa convicção, ela ainda não era uma ideologia compartilhada por todas as pessoas que trabalhavam para o governo.

Embora seja tentador acreditar que seriam poucas as pessoas que permitiriam que tais atitudes chegassem a um nível tão alto, a prática mostra o contrário. Não são apenas as pessoas que possuem algum tipo de desvio natural em sua percepção de certo e errado que apoiam atos moralmente repreensíveis.

No livro de Nádía Souki⁶, que fala sobre os estudos de Hannah Arendt, a autora menciona a descoberta da filósofa sobre não ser necessário haver motivos torpes ou mesmo que a pessoa tenha uma maldade dentro de si para que ela pratique atos cruéis, basta fazer com que a pessoa não exerça a sua capacidade de pensar.

Nesse tópico se faz necessário entender o que é o “pensar” ao qual Hannah Arendt se referia. Para isso deve-se em primeiro lugar entender a figura denominada como senso comum, ele é definido como uma espécie de sexto sentido, um sentido interno. Esse sentido tem por função reunir as informações trazidas através dos outros 5 sentidos - os externos - e combiná-los, assim permitindo o compartilhamento de um mundo comum entre as pessoas. O entendimento do conceito de “pensar”, de Hannah Arendt, trazido por Nádía Souki é a capacidade da pessoa de abandonar, temporariamente, esse senso comum.

Esse estado de pensamento faz com que a pessoa questione e se sinta inseguro sobre questões que previamente ele tinha certeza. Em resumo o pensamento permite que a pessoa entre em contato com outro tipo de realidade onde todos os critérios e códigos de condutas podem acabar sendo dissolvidos uma vez que nesse estado todas as certezas são dissolvidas.

Essa situação apresenta uma dualidade interessante, pois a ausência de pensar, além do senso comum, foi o que permitiu que a Alemanha nazista crescesse em influência e poder e também, deixou que as práticas das ações discriminatórias crescessem sem grandes dificuldades. Ao assumirmos que, na época, essas ações

⁶ SOUKI, NÁDIA. **Hannah Arendt e a Banalidade do Mal**. 8° ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006

eram o senso comum, pensar além dele poderia ter refreado o movimento. Porém, alcançar esse nível onde todos os critérios e códigos de condutas são desfeitos, pode ter sido o que o próprio Hitler e seus partidários fizeram para chegar à conclusão que não havia mal em tomar as medidas que foram perpetuadas pelo seu regime.

Uma vez definido o que é o “pensamento” se pode falar melhor sobre a sua falta e como ela facilita um regime totalitário. Em primeiro lugar temos a figura definida como “homem de massa” para a autora Nádía Souki esse tipo de pessoa é essencial para que um regime totalitário seja implantado de maneira eficaz. Isso por que esse tipo de sujeito tem como característica uma deficiência quanto a relações sociais normais o que faz com que eles fiquem isolados e impossibilitados de criar laços com seus semelhantes, o que por sua vez impossibilita que o povo crie um objetivo em comum e assim tiram o poder das pessoas.

Ao criar uma base suficientemente grande feita desse “homem de massa”, o senso comum começa a ficar menos definido, uma vez que ele é o oposto do isolamento que está sendo praticado. Após ter sido enfraquecido, o senso comum, não pode exercer as suas funções de ser uma ferramenta para análise da política e um meio para as pessoas se relacionarem, modificarem e se adaptarem à realidade do mundo assim permitindo que o governo destrua esse sentido de realidade.

Após destruir essa noção de realidade a pessoa entra em um estado de conformismo em que não consegue pensar por si mesma e fica passivamente à espera de comandos para seguir. Esse é o “estado do vazio de pensamento” do qual o nazismo tirou vantagem. Ao preencher esse vazio com sua ideologia e as pessoas incapazes de pensarem por si mesmas, uma vez que tiveram sua conexão com a realidade suprimida, aceitam qualquer sugestão e assim gerando uma indiferença coletiva ao mal que o governo causa.

Esse processo de criação de vazio de pensamento é descrito como sendo uma hipnose de massas por Albert Speer, ex-ministro do Armamento do Terceiro Reich e também o arquiteto-chefe do projeto nazista. O livro escrito por Gitta Sereny é uma compilação de entrevistas dada pelo arquiteto. Nele o entrevistado se

questiona como não percebeu o que acontecia e de como hoje tudo é muito mais óbvio que na época, “- Pensando nisso mais tarde, pareceu-me quase inacreditável que isto não me tenha aberto os olhos.”⁷

O mais importante desse capítulo é reconhecer que não é pelo fato da pessoa ter participado e apoiado o nazismo que ela é necessariamente doente ou tem problemas psicológicos e na realidade o nazismo não foi o primeiro sistema a induzir as pessoas a cometerem atos terríveis

... Há uma coisa chamada hipnose de massas – nós a vimos antes na vida das nações – que pode fazer coisas incríveis. Permita-me lembra-la apenas referindo os caçadores de bruxas da Idade Média, os horrores da Revolução Francesa, ou o genocídio dos índios americanos.... Em tais períodos são sempre pouquíssimos os que não sucumbem. Mas quando tudo acaba, todos, horrorizados, perguntam-se: “Meu Deus, como pudemos fazer isso?”⁸

A única diferença entre os casos citados pelo entrevistado e da Alemanha é o fato que no segundo caso envolveu o próprio Estado se voltando contra uma parcela das pessoas que ele deveria proteger e tudo isso acontecendo sem quebrar nenhuma lei da época.

Mesmo que o resultado final desses casos não carregue nenhuma diferença prática, afinal o extermínio de pessoas é um resultado repudiável independentemente de quais grupos estejam envolvidos, o fato que o Estado se voltou contra os seus, é o suficiente para ofuscar outros eventos semelhantes quando esses são comparados.

2.3.5 Propaganda

⁷ SERENY, Gitta. **Albert Speer** sua luta com a verdade. 3° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 p. 227.

⁸ SERENY, 1998, p. 228

Um elemento muito conhecido do nazismo foi suas propagandas. Anteriormente mencionei brevemente esse elemento e agora aproveito para me aprofundar mais no assunto e para isso retomo o conceito de “homens de massa” explicado por Nádía Souki. Uma vez que o senso comum das pessoas foi afetado, por terem se tornado “homens de massa”, elas começam a desejar poder escapar dessa realidade na qual elas se encontram e são incapazes de se relacionar⁹.

O papel das propagandas nazistas, ou de qualquer regime totalitário, é se aproveitar desse desejo de fuga afim de criar uma nova realidade para as massas. Nessa nova realidade criada para o povo, através das propagandas, são trazidas novas regras e uma nova moral, a ser seguida. Entretanto, essa nova realidade e suas regras podem ser compreendidas pelas pessoas, uma vez que, elas são explicadas através das propagandas, dessa forma ela é aceita de forma mais fácil.

Isso acontece porque a sensação de realidade nos é dada através dos nossos sentidos e do que eles nos passam. Em resumo, a propaganda tem por função distanciar, ainda mais, as pessoas do senso comum, tirando vantagem do isolamento que existe entre os homens de massa e assim possibilitando a existência do vazio de pensamento.

Destaco que a propaganda a qual me refiro nesse tópico não são aquelas explícitas como as que passam em televisões e rádios e que são comumente usadas para vender produtos. Pelo menos não apenas essas, existem vários tipos de propagandas algumas explícitas e outras que trabalham de forma mais subliminar. No caso do nazismo as propagandas subliminares são mais comumente percebidas em dois casos: em particular na arquitetura e nos filmes.

Hitler sempre possuiu alto apresso pelas artes particularmente as gregas clássicas. Em se tratando de arquitetura ele possuía seu próprio arquiteto, o já mencionado Albert Speer uma pessoa que estava em tão alta estima que recebeu do próprio fuhrer, o trabalho de transformar Berlim em uma cidade Imperial. Seus trabalhos eram caracterizados principalmente pela grandeza dos monumentos por

⁹ SOUKI, NÁDIA. **Hannah Arendt e a Banalidade do Mal**. 8° ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006 p.

ele construídos. Essa característica não vinha somente do ego de Hitler, por trás delas, havia uma idéia muito bem elaborada.

As grandes construções eram assim projetadas para que se passasse a idéia de força e poder do governo. Elas serviam como um símbolo da grandiosidade, poder e capacidade do 3º Reich. Uma ideia muito similar, se não igual, ao da famosa estátua do Touro de Wall Street.

Na realidade a mensagem do trabalho arquitetônico era tão importante para os planos do líder nazista que mesmo quando se encontrava em uma situação delicada na guerra que estava sendo travada contra a Rússia, Hitler insistia em dar continuidade aos projetos desse tipo, chegando ao ponto que, ao conversar com Speer ele se preocupou mais em saber sobre o andamento dos projetos arquitetônicos e o plano para os próximos, do que, sobre a situação da guerra; destaco que na época Speer já havia sido nomeado Ministro de Armamento após a misteriosa morte de seu antecessor - Fritz Todt, em um acidente de avião.

Na verdade Albert Speer em uma entrevista, que futuramente sairia no livro “Albert Speer: Sua luta com a verdade” expressa sua preocupação com a possibilidade dos projetos arquitetônicos serem cancelados em virtude da guerra:

Fiquei feliz. Recuperei a confiança de que nós iríamos poder executar os nossos projetos arquitetônicos, um anseio de cuja a concretização eu havia começado a duvidar, em vista da situação militar. Mas, naquela noite, nossos sonhos tornaram-se realidade; nós havíamos conseguido, uma vez mais, situar-nos num estado de ilusório otimismo¹⁰

Parte do motivo por trás da obstinação de Hitler em completar os projetos, assim como, o sucesso por trás deles, é que para ele era mais que uma simples ferramenta de manipulação de massas. Em entrevista Speer faz comentários que dá a entender o quão grande era a paixão de Hitler para com a arquitetura.

¹⁰ SERENY, Gitta. **Albert Speer** sua luta com a verdade. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 p. 392.

Em *Inside the Third Reich*, Speer faz uma menção combinada dos dois assuntos, dando ênfase, contudo, aos projetos arquitetônicos, que, “claramente, relaxaram e reanimaram Hitler, revelando grande alegria”; por fim, ele fala sobre o momento em que Hitler lhe pergunta (de passagem) a respeito de suas impressões sobre a situação da Rússia¹¹

Além disso, em várias ocasiões no livro Hitler é retratado como tendo um interesse pessoal quanto ao andamento dos projetos arquitetônicos, um desses casos envolvendo o estádio projetado para sediar todas as Olimpíadas que aconteceriam após 1940.

Ele veio até as minhas salas de exposições em Berlim para ver a maquete do estádio, que media 2,20 m de altura. Enquanto conversávamos sobre as Olimpíadas, eu salientei que as medidas do campo de Atletismo não estavam de acordo com as prescritas pelo Comitê Olímpico.¹² (Grifo nosso)

Logo em seguida, o livro dá a entender que Speer e seu trabalho eram tão importantes que Hitler começou a orientar e educar o arquiteto para que aos poucos ele pudesse assumir papéis políticos mais importantes dentro do governo.

... com sua nomeação para Ministro de Armamentos, conseguiremos ver como ele estava sendo induzido lentamente a cair na teia do envolvimento com a política, envolvimento que, mais tarde, negaria veemente. Conseguiremos ver um homem que estava sendo preparado por Hitler, intuitivamente ou deliberadamente, para cargos mais importantes.¹³

...
... Speer menosprezou enfaticamente a importância do ano de 1943 para a sua própria vida. Esse foi o ano que tornou claro para ele a pressuposição de alguns políticos e de alguns generais, e até do próprio Hitler, de o considerarem um possível sucessor do Führer¹⁴.

Com essas pequenas transcrições é possível perceber a grande ênfase e importância que Hitler dava aos projetos arquitetônicos, além disso devemos

¹¹ SERENY, 1998 p. 391 e 392

¹² SERENY, 1998, p. 227

¹³ SERENY, 1998 p. 228

¹⁴ SERENY, 1998. p. 522

considerar que Hitler deu ao seu arquiteto um cargo público de grande importância e desejava que ele assumisse cargos ainda maiores chegando a cogitar torná-lo seu sucessor.

Embora se possa dizer que não foi apenas o fascínio de Hitler com a arquitetura que o fez tomar essa decisão, afinal, que líder tomaria uma decisão tão importante apenas em virtude de seus gostos? Pôde-se dizer que a habilidade de Speer como arquiteto ao menos auxiliou a cogitar essa possibilidade, isso por que em vários momentos Hitler é descrito como sendo alguém impulsivo e megalomaníaco. Um exemplo sólido das decisões passionais do líder nazista foram as suas ordens dadas aos soldados de tomar Stalingrado e manter suas posições na cidade, mesmo eles estando sem condições de guerrear, essa decisão mais tarde seria uma das causas de sua derrota.

Em realidade o próprio Speer diz que Hitler agia, com frequência, se baseando em impulso, inspiração e emoção. E que uma vez que tomasse sua decisão eram muito poucos aqueles que eram capazes de contrariar suas decisões ou fazê-lo mudar de ideia. Os únicos capazes de fazer isso eram aqueles que estavam em seu círculo de relações, e mesmo, esses teriam que ser extremamente sutis para ter êxito no feito.

Levando em conta essa natureza passional do Führer considerar as conquistas políticas de Speer na política como sendo, pelo menos em parte, um efeito colateral pelas suas obras arquitetônicas não é difícil, principalmente ao considerarmos que existia uma amizade estreita entre os dois e que, portanto, Speer fazia parte do dito “círculo de relações” de Hitler. Todos esses elementos juntos atestam não somente a importância estratégica que Hitler dava a arquitetura e a propaganda por trás dela, mas seu apreço pessoal as artes e de como ele valorizava os artistas.

2.3.6 O Frágil Orgulho Nacional da Alemanha

Na obra *Os Alemães* escrita por Norbert Elias o autor escreve que durante a época em que a Europa era governada por monarquias havia um entendimento que a sociedade da época representava o ápice do desenvolvimento quando comparado com todas as sociedades de épocas anteriores. Também havia a crença que no futuro a sociedade iria se desenvolver cada vez mais.

Tal crença, ao contrário do que se possa pensar, apenas teria se fortalecido com o advento das guerras e epidemias que viriam ao longo dos anos. Então criou-se o conceito de “progresso” que simbolizava o melhor futuro que se poderia ter. Esse futuro assumiria em sua crença o caráter de um ideal pelo qual valia a pena lutar confiando nas suas realizações finais.

Entretanto, com o passar do tempo, o homem da classe média desejando poder político, se levantou contra as classes aristocráticas dominantes e assim, através do emprego de várias medidas como por exemplo revoluções, conseguiu tomar da monarquia o controle do governo e o poder que vinha com esse controle.

Quando os setores da classe média assumiram seus novos postos como os grupos mais fortes dentro da sociedade causaram um desvio nessas crenças e ideais. De tal forma que essas crenças que estavam orientadas para a esperança de um futuro melhor, perderam esse seu significado.

O conhecimento científico teria continuado a aumentar ao longo dos anos, entretanto, parou de ser uma evidência para a crença que as condições humanas melhorariam cada vez mais no futuro. No lugar dessa esperança surgiu a imagem de uma nação ideal, que tinha como base a história do país, essa nação passou a ser o centro de crenças sociais e das esperanças da sociedade da época.

Para ser colocado de forma mais simples, é possível dizer que uma vez a classe média de um país assumiu o controle dele houve uma troca no que era o foco da atenção dos países. Ao invés de pensar num futuro melhor começou-se a idolatrar o passado. A partir do momento em que essa troca era efetivada o que trazia a satisfação as pessoas não era mais a possibilidade de um futuro melhor,

mas sim, o orgulho das tradições e heranças que o seu país conquistou ao longo da história.

Por causa desse orgulho, as tradições começaram a ganhar mais força, chegando a ser mais importantes que os antigos ideais humanistas e moralistas. Como o conceito básico desse novo foco de atenção foi baseado no passado houve um efeito de criação, ou fortificação, de ideias conservadoras nos países, onde agora buscava manter as coisas como estavam.

Esse orgulho do povo para com o seu país e suas tradições, que é comum ainda nos dias de hoje, começou a crescer e se transformou no que atualmente é conhecido como nacionalismo. No caso da Alemanha o orgulho nacional ficou ferido após a primeira guerra mundial. Hitler se aproveitou dessa situação e atiçou o povo prometendo trazer de volta a antiga glória.

A própria escolha do termo Reich já demonstra um encanto com o passado do país. Pois no livro “Os Alemães” é dito que esse termo teve o significado de algo que se perdera. Ele traz à imagem do grande império alemão que existiu no passado o que teria seduzido muitos alemães na época. Isso por que a lembrança do Primeiro Reich e do poder que ele possuía era algo que as pessoas tinham fortemente gravadas em suas memórias e que elas desejavam possuir novamente.

Essa promessa, devido à idealização do passado que o nacionalismo criou, ficou ainda mais tentadora e conforme dito anteriormente, um dos efeitos dessa supervalorização do passado é o enfraquecimento dos ideais humanistas e moralistas o que facilitou ainda mais a instalação do governo nazista.

Afinal as ações que estavam sendo perpetuadas era um preço pequeno a ser pago. Em primeiro lugar por que as mortes eram apenas daqueles considerados inferiores, no caso dos judeus, em particular devesse lembrar que além de serem considerados inferiores era a crença na época que eles foram os arquitetos da decadência da Alemanha. Em segundo lugar, esse sacrifício era para se recuperar a glória que o país tinha em seu passado, portanto, não havia o que se lamentar.

Como foi dito, o sentimento de nacionalismo é algo comum de se acontecer em todos os países. As grandes massas, em algum momento, sentem orgulho da onde nasceram e nem por isso todos os países desenvolvem governos totalitários se apoiando nesse orgulho, mesmo considerando o golpe que o orgulho alemão levou ao perder a primeira guerra mundial, ainda não explica a instalação do nazismo uma vez que os outros países, também pertencentes a Tríplice Aliança, não tiveram um governo parecido instalado. Portanto o que poderia ter sido o diferencial?

Além dos fatores trazidos anteriormente, também deve se considerar a história do país. Ao longo de sua existência a Alemanha teve muitos conflitos internos criando grandes diferenças em termos de poder entre essas diferentes áreas (criando, dessa forma, a imagem de um país fraco e essa imagem era passado para o mundo todo). Essa divisão era tão grande que segundo Norbert Elias até o ano de 1871, não se podia se falar da Alemanha, pois ela, não possuía um elemento que unisse o país sob apenas uma bandeira. Essa realidade feria o orgulho alemão - era a ambição da população, a construção de uma Alemanha unificada.

Com as dificuldades de se realizar esse sonho, o orgulho alemão ficou ainda mais frágil do que já era. Para facilitar ainda mais a ascensão de Hitler, deve-se levar em consideração que ao longo da história a população alemã desejavam que a solução de seus problemas viesse na figura de um único líder forte capaz de reverter o quadro no qual eles se encontravam, o que é o exato oposto do que se tinha na república.

Segundo Norbert Elias esse desejo de possuir um país comandado por um único líder, ao invés de se ter a multiplicidade partidária característica de uma república, se dava por dois fatos. O primeiro é uma construção histórica, pois segundo o autor, a população teria passado séculos acreditando que isso aconteceria. O segundo motivo é que a população encarava essa variedade de opções de pessoas que poderiam vir a ocupar o poder, era um simbolismo da divisão que a Alemanha sofria entre as diferentes unidades-Estados. Deste modo, era a crença alemã na época que ao ser contra o sistema partidário era o mesmo que ser a favor da unificação do Reich. Uma vez que dentro do contexto da época é mais

fácil entender o motivo do nazismo ter tomado o poder. Hitler era o que a Alemanha queria, ou pelo menos uma personificação de esperança. Com ele no poder era possível a instalação de um país unificado, comandado por um único líder forte, que era capaz de melhorar as condições do país e por último esse novo líder era um homem do povo. Deve-se lembrar que a população havia perdido a fé na nobreza devido aos resultados da primeira guerra mundial, e seu descontentamento chegou a tal nível que gerou a Revolução Alemã nos anos de 1918 e 1919.

Portanto, Hitler era a personificação de um sonho alemão, ou pelo menos a versão mais recente desse sonho. Isso o permitiu assumir o poder com muita facilidade, pois, a população desejava alguém como ele no poder, ou pelo menos, alguém com todas as qualidades citadas. Ao ver essa personificação de um suposto líder ideal ficou mais fácil para a população alemã.

3 INTERFERÊNCIA CULTURAL EXTERNA

No capítulo anterior foi apresentado um conceito ampliado da moral e alguns dos vários elementos que podem alterá-la dentro de um determinado grupo. Agora, proponho analisar as consequências causados pelo choque entre duas morais diferentes.

Esse choque, no exemplo do nazismo, se deu através dos julgamentos que ocorreram após a derrota da Alemanha na segunda guerra mundial. Voltando rapidamente ao capítulo anterior, pôde-se dizer que, o nazismo foi um conjunto de idéias implantada na cabeça de um povo que clamava por uma justiça. Hitler se aproveitou dessa sede e apresentou suas convicções como sendo essa justiça, poderia melhorar a situação do país.

Esses pensamentos que foram tão bem difundidos, não poderiam ser eliminados da mente de milhares de pessoas pela simples derrota militar da Alemanha. Pensar que isso aconteceu ou mesmo que seria possível, se trata de um pensamento muito ingênuo da parte de qualquer pessoa. Em seu livro “Responsabilidade e julgamento” Hannah Arendt escreve sobre como os réus não demonstravam possuir nenhum arrependimento de suas ações chegando a descrever a situação como sendo grotesca¹⁵.

Porém, mesmo se a derrota tivesse sido o suficiente para abolir todos os pensamentos nazistas da mente das pessoas, o lado vencedor ainda exigia que a justiça fosse aplicada ao lado perdedor. Os nazistas cometeram crimes horríveis e precisavam pagar por eles. E é aqui que temos um dos principais problemas quando há conflitos de morais.

O que um lado considerava justo e correto, o outro acha injusto e errado. Embora se costume dizer que, na história não existe a expressão “se”, ao analisarmos a força que as idéias nazistas tinham em seu auge, não é difícil dizer

¹⁵ ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

que hoje elas só são consideradas erradas por que foram o lado perdedor da guerra. Na já mencionada obra de Eric Voegelin é transcrito uma carta de Gerhard Hess onde é escrito “O único crime de Hitler foi o de ser um jogador que perdeu...”¹⁶.

Tendo estabelecido essa relação de certo e errado com a vitória e a derrota militar, voltemos ao clamor de justiça que existia contra os nazistas. O julgamento das práticas da moral nazista pelas regras de uma outra moral foi algo delicado, pois o clamor popular do lado vencedor exigia justiça. Porém, em sua obra, Hannah Arendt fala que os advogados dos réus alegavam que não era o desejo de justiça alemã, mas sim, os clamores populares mundiais influenciados pelo desejo de vingança e recompensa, que eram ouvidos nas manifestações.

Uma prova dessa falta desse clamor por justiça do povo alemão é trazida quando Hannah Arendt onde aponta que, os réus conseguiam levar uma vida normal apesar de todos saberem quem eles eram nas regiões em que viviam. Na verdade, é dito que conseguiam viver em paz desde que nenhum sobrevivente dos campos de concentração os reconhecessem e os denunciassem. E mesmo que denunciassem, ainda havia pouco perigo, uma vez que, os próprios tribunais não estavam interessados em julgar essas pessoas, e as próprias testemunhas relutavam em cooperar.

Essa falta de interesse por parte dos alemães em se ver a justiça aplicada nos tribunais, foi um dos fatores que prejudicou o julgamento e o processo, pois, havendo essa oposição por omissão por parte dos alemães, os juízes careciam de provas e bases para analisar o que de fato havia acontecido.

Tendo em vista esse problema apresentado, deve-se eliminá-lo e para isso o primeiro passo a ser tomado, antes do julgamento, deveria ter sido uma tentativa de adquirir a boa vontade dos alemães em relação ao prosseguimento, a fim de que, eles se manifestassem a favor das condenações dos culpados.

¹⁶ VOEGELIN, Eric. **Hitler e os alemães**. 22 ed. São Paulo: É realizações, 2015.

Partindo desse ponto é possível perceber que a linha que separa justiça e excesso de punição ou punição injustificada é tênue e fica ainda mais em um conflito entre ideologias tão antagônicas entre si, como foi no caso envolvendo o nazismo.

Por esse motivo, a primeira coisa a se evitar quando existe a colisão de idéias é o exagero no julgamento e punições, caso contrário, a linha para abuso de poder pode facilmente ser cruzada, sem que seja percebido, dessa maneira instalando um estado muito semelhante a uma ditadura onde apenas um pensamento está correto, não se aceitando nenhuma outra escolha, senão, aquela definida por um terceiro.

Além do perigo da instalação dessa ditadura, existe uma outra possibilidade igualmente indesejada. Esse excesso punitivo pode despertar insatisfações na parte punida e assim gerando a possibilidade da criação de um novo conflito, o que dificulta, ou no mínimo atrasa, a possibilidade de alcançar uma paz ou estabilidade após o fim da guerra, o que é, ou deveria ser, o almejado ou final de qualquer tipo de conflitos principalmente ao final cujo o preço foi tão alto para ambos os lados a exemplo das bombas nucleares de Hiroshima e Nagasaki para o Japão e o ataque a Pearl Harbor nos EUA. Essa possibilidade aumenta ainda mais se, as pessoas que estão sofrendo essa intervenção, acreditarem que sua cultura está sendo discriminada sem nenhuma justificativa.

3.1 FACILITANDO O ANDAMENTO DO JULGAMENTO

3.1.1 Promovendo o Julgamento

Voltando à ideia de induzir o povo a querer ver a justiça nos tribunais sendo feita, devemos observar o que foi relatado e constatar se o desinteresse alemão se tratou ou não de um evento isolado. Quando se vai julgar uma moral utilizando parâmetros de outra, naturalmente haverá resistência pelos que estão sendo julgados. Afinal, na visão deles, não havia nada de errado com suas ações.

Então, conforme manifestado anteriormente, a primeira coisa que se deve fazer ao estabelecer um julgamento desses não é sair procurando provas e culpados para serem punidos, mas sim, procurar meios de mostrar os motivos pelo qual os perpetradores das ações que estão sofrendo sanções e por que suas ações estavam erradas e não merecem a proteção que o povo está disposto a dar através da mencionada oposição omissiva.

Como dito anteriormente, o povo alemão não estava interessado na continuidade dos julgamentos e até mesmo as vítimas sobreviventes do campo de concentração se recusavam a depor. Isso se deu por que, durante o período após a derrota na guerra foi criada uma imagem de um povo alemão que permanecia unido e as pessoas não desejavam ficar fora desse grupo, provavelmente temendo possíveis discriminações ou reprovações de seus vizinhos, mas além disso, há um fator histórico que causou essa unificação.

No livro “Os Alemães” o autor escreve que desde seu início, a Alemanha teve algumas peculiaridades no seu estabelecimento como nação. Por causa da grande extensão de seu território fez o país se desenvolver como um Estado dinástico unificado e depois passar a uma nação-estado unificada, essa transição foi feita de maneira mais lenta do que em outros países.

Devido aos grandes números de subdivisões na época do Primeiro Império criou um grande número de conflitos internos o que dividia o povo e o enfraquecia deixando-os impotentes numa época em que a centralização e união estavam em progresso o que os fazia passar por grandes dificuldades.

Essa constatação deixou uma profunda marca na lembrança do povo alemão e dessa forma criando esse ardente desejo de união em épocas de crise e conforme dito na época o país havia perdido uma segunda guerra mundial e seus líderes estavam sendo julgados e condenados a morte tais fatos eram mais que o suficiente para ativar o antigo sistema de defesa implantado na cultura alemã¹⁷.

¹⁷ ELIAS, Norbert. **Os Alemães**. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997 p. 283

Essa cumplicidade criada pela imagem de unificação alemã, atrasou em muito o julgamento, pois, dificultava o trabalho dos juízes que precisavam contar apenas com o depoimento, muitas vezes não confiável de testemunhas.

Visando eliminar, ou mesmo diminuir essa ideia de união, acredito que a melhor abordagem a ser adotada seria uma campanha divulgando o que acontecia dentro dos campos de concentração para sensibilizar o povo sobre as atrocidades que aconteciam e tentar despertar uma solidariedade que poderia alimentar o desejo de justiça do povo. Após essa campanha ter enfraquecido a idéia de união alemã é que se iniciaria o processo.

É importante destacar que, essa campanha dificilmente conseguiria eliminar completamente à ideia de união do povo alemão ou à ideia de que não havia nada de errado com as práticas perpetuadas pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, e nem tem isso como um dos objetivos iniciais, afinal tais pensamentos, tiveram sua origem numa forma de pensar que já estava sendo perpetuada a muitos anos no povo alemão e para retirá-la da mente do povo se faria necessário um tempo, no mínimo, tão longo quanto.

Essa campanha de conscientização dificilmente teriam efeitos em oficiais de alta importância do regime nazista ou pessoas que trabalhavam em campos de concentração, porém, seu objetivo não seria atingir esses indivíduos, mas sim, seus vizinhos e conhecidos para que eles vissem o que acontecia nos campos de concentração, para que criassem consciência de como era lá e o fizessem despertar simpatia pelas vítimas e desejar que elas pudessem ter paz e seguir em frente após passar por tanta tragédia. Essa simpatia tem a real chance de causar um desvio na lealdade focada na imagem de alemães unidos, para a idéia de querer justiça para os injustiçados.

Embora seja verdade que não há uma garantia de que as pessoas se sensibilizariam com as condições vividas pelos cativos nos campos de concentração, uma vez, que tomassem conhecimento dela. Acredito que a grande maioria seria movida. Isso devido ao fato que uma das pessoas mais próxima de

Hitler, Albert Speer, foi sensibilizado ao tomar conhecimento de tais práticas, enquanto o regime ainda funcionava.

Esse foi certamente o ano em que ele foi posto frente a frente com o extermínio de judeus na Polônia – ou, de outra forma: quase que certamente com o método pelo qual eles estavam sendo exterminados lá... conscientizar a realidade desses crimes, primeiramente em si mesmo e, depois como resultado das ordens de Hitler teria ocasionado, sem dúvida, uma mudança radical na vida dele.¹⁸

Como se pode ver, mesmo sendo um dos grandes beneficiados pelo regime nazista, ao tomar contato com o preço pago pelos seus benefícios, Speer ficou chocado. Se isso aconteceu com alguém tão próximo de Hitler e que era influenciado tão diretamente por ele durante um tempo em que o nazismo ainda estava forte, não é difícil pensar que o contato com essa realidade por parte da população após a derrota da Alemanha teria efeitos ainda maiores e que, portanto, a troca da lealdade à uma imagem de “alemães unidos” para um desejo de justiça aos injustiçados não seria algo tão impensável.

A partir do momento que essa troca de lealdade fosse atingida, abriria espaço para que as pessoas pudessem testemunhar e denunciar os culpados sem se preocupar com a possibilidade de sofrer recriminação de seus amigos, colegas e vizinhos.

3.1.2 Todos são Iguais Perante a Lei

No tópico anterior foi explicado a importância que a conquista de uma boa imagem pública teria para o andamento mais eficiente do processo, portanto, logicamente, deve-se tentar diminuir o descontentamento popular quando ele aparece. No caso dos julgamentos de Eichmann em Jerusalém e de Auschwitz, um

¹⁸ SERENY, Gitta. **Albert Speer sua luta com a verdade**. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 522 e 523

dos maiores descontentamentos foi a criação de uma aparente separação entre os trabalhadores de mais baixo nível nos campos de concentração e aqueles que estavam no comando desses lugares.

Nos dois casos a grande maioria dos julgados eram sobre os trabalhadores de baixo nível, inclusive eles, eram vistos como bodes expiatórios para que seus superiores não fossem responsabilizados. Portanto, é lógico pensar que, se fazia necessário primeiro julgar as pessoas de alta patente para que se evitasse a idéia de estar favorecendo aqueles que tinham mais poder, pois na opinião geral, esses eram os mais culpados que aqueles que escolhiam “apenas” executar as ordens que recebiam.

Há de se destacar que essa diferença de culpa entre os diferentes tipos de trabalhadores não é algo que vem de um discurso idealizado vindo das massas e sem nenhuma base prática o sustentando, e que na realidade, todas as pessoas que não eram internos e que trabalhavam lá dentro, inclusive os administradores, eram apenas soldados seguindo as ordens de alguém hierarquicamente superior.

Como atestado na obra de Hannah Arendt, apesar da intenção ao criar os campos de concentração, era que eles fossem locais que funcionassem como uma máquina sempre fazendo o mesmo trabalho, e da mesma forma, dia após dia não foi isso que aconteceu na prática.

É comprovado através do testemunho de um ex-interno, que os oficiais tinham completo poder para mudar o funcionamento dos campos. É dito que, a “rotina”, variava de acordo com uma série de fatores arbitrários tal como quem era o oficial em comando, o estado de espírito desse oficial e quem era o líder do bloco.

Uma vez provada que existe essa diferença no grau de responsabilidade dos soldados no campo de acordo com sua hierarquia, visando o aumento da aprovação popular, se apresenta dois possíveis cursos de ação. A primeira sendo uma que já foi mencionada a inversão de posição onde apenas se julgaria os administradores e a condenação dos trabalhadores de menor patente ficaria em segundo plano. Essa linha de ação, embora pudesse se provar efetiva iria contra um princípio básico de

Direito que diz que todos, são iguais para lei e não se deve haver distinção apenas pela posição social da pessoa. A segunda alternativa, seria um desvio de atenção; fazer com que a mídia focasse mais no julgamento dos administradores, ao invés do julgamento dos trabalhadores. Esse maior foco em um julgamento faria com que, uma grande diferença no número de condenações entre os esses dois grupos (trabalhadores e administradores) fosse maquiada de forma a diminuir o descontentamento popular nessa questão.

É importante destacar que nesse segundo curso de ação, haveria julgamento de ambos os grupos, apenas haveria um foco maior, por parte da mídia em um determinado grupo. Dessa forma, o princípio de igualdade perante a lei não sofreria nenhum tipo de restrição ou prejuízo. O que se provaria essencial para a validação do julgamento ao longo da história, já que dessa forma poderia se evitar que no futuro as pessoas vissem esse julgamento apenas como uma forma dos poderosos se livrar da culpa ao jogá-la nos mais fracos.

3.1.3 Estabilidade Social

Nadia Souki descreve governos totalitários como sendo um governo que está em constante marcha. O motivo para isso é que, um dos fatores que permite o crescimento e fortalecimento deles, e que segundo a autora, é essencial que o governo consiga impôr, foi o vazio de pensamento e isso apenas se concretiza quando não há uma possibilidade de estabilidade.

Isso por que, para realizar o “pensar” se faz necessária uma não ação por parte da pessoa, é necessário que ela “pare-e-pense” e essa falta de ação não é possível se a sociedade está em constante movimento.

Na verdade, quando se tem a necessidade de estar em constante movimento as pessoas descartam qualquer atividade em que não seja possível ver resultados práticos e imediatos, como é o caso do pensar. Em decorrência dessa abdicação do pensar a pessoa deixa de exercer sua autonomia.

Na verdade, pôde-se dizer, que ela deixa de ser uma pessoa, pois não é capaz de se autodeterminar e de distinguir certo e errado, justo e injusto por si mesma, para se tornar uma peça numa máquina. Dessa forma, ela é conduzida a um estado de conformismo, é doutrinada a aceitar todas as regras que lhe são impostas. Esses novos ensinamentos são passados visando, conforme dito em capítulo anterior, preencher o vazio de pensamento com as regras que melhor convier ao regime.

Portanto, se a falta de estabilidade é necessária para instalar um vazio de pensamento, que por sua vez permite, que a pessoa acredite que as leis do regime derrubado eram justas, nada mais natural que fazer com que o país se estabilize tão rápido quanto possível, afim de permitir que as pessoas comecem a pensar, e assim, percebam o quanto as ações que estão sendo julgadas são erradas.

Importante destacar tanto a estabilidade política e econômica no país. A estabilidade econômica cumpre uma segunda função. Apesar de todas as ações efetuadas durante o nazismo e da natureza, inquestionavelmente cruel, por trás delas é preciso reconhecer que o governo do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães também trouxe benefícios que o país precisava na época. Apesar desses benefícios não serem muito destacados, devido ao fato deles se perderem perante o preço pago, o nazismo conseguiu efetivamente pegar um país destruído devido a guerra e em poucos anos o transformar em uma potência capaz de ser uma das figuras principais, se não a principal, da segunda guerra mundial.

A situação da Alemanha antes do nazismo assumir o controle foi descrita por Albert Speer como sendo uma época desencorajadora onde a possibilidade de emprego era quase inexistente. Como resultado ele vivia com o dinheiro do pai, que possuía vários imóveis em Mannheim. O fato de precisar da ajuda do pai para se sustentar e sustentar sua esposa foi algo que o deixou deprimindo.

Outro fato trazido no livro para exemplificar a gravidade da situação financeira do país foi que em 1932, com o agravamento da depressão econômica os salários de professores universitários foram diminuídos.

Como já dito, apesar do preço extremamente alto que foi pago, o país cresceu sua economia prosperou e possuiu grandes avanços na área da medicina. Então os meios empregados foram repreensíveis nos padrões morais do lado vencedor? Sim, porém a população ainda desfrutava dos benefícios advindos dos estudos e experiências organizados pelo governo. O que dava ao povo mais motivos para defender os réus e não reconhecer como errada as ações por eles perpetuadas.

Em realidade ao encarar a derrota em uma segunda guerra foi instalado um medo quanto ao futuro do país na sociedade. Após a derrota na primeira guerra mundial eles sofreram graves sanções e a economia estava ruim, tanto por causa da guerra, quanto por causa da revolução ocorrida dentro da Alemanha. As possibilidades de trabalho eram muito baixas, até para quem possuía ensino superior, e agora uma derrota em outra guerra o perigo de ter uma economia destruída era extremamente real.

Esse medo fica especialmente bem destacado no livro *Os Alemães*¹⁹ nele é reproduzido a declaração feita por um nacional-socialista quando as tropas aliadas pressionavam as frentes leste e oeste da Alemanha: “Se, uma vez mais, perdermos essa guerra, será o fim da Alemanha”. Essa preocupação com o futuro do país apenas deixa as pessoas mais resistentes à idéia de ajudar no julgamento pois não havia como saber o que aconteceria, a seguir, ajudar seus inimigos a julgar seus antigos líderes podia ser visto como ajudar o país a afundar ainda mais rápido.

Para tentar eliminar esse medo das pessoas é necessário manter a estabilidade e as boas condições de vida da população é uma das formas de demonstrar que as ações nazistas não era o único, nem mesmo eram o melhor, meio de se garantir prosperidade que eles precisavam. Ao demonstrar que era possível seguir em frente e desfrutar uma vida decente sem um governo totalitário os comandando e sem ter que sacrificar tantas vidas como foi feito, a população ficaria menos inclinada a proteger os acusados, uma vez que, não possuíam mais a desculpa de “era a única maneira” e não se veriam mais como se tivessem uma dívida para com os réu, uma vez que eles foram capazes de melhorar suas vidas.

¹⁹ ELIAS, Norbert. **Os Alemães**. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997 p. 28

Implantar essa estabilidade em um país que acabou de sair como perdedor numa guerra é algo difícil, porém é essencial para que as pessoas eliminarem o vazio de pensamento que lhes havia sido implantado, fazer com que elas voltem a pensar por si mesmos, ao invés de, apenas seguir ordens cegamente e assim continuar a defender a moral que elas defendiam previamente por achar que não havia outra maneira de melhorar suas condições de vida.

Até certo ponto os aliados tiveram essa preocupação. No livro de Norberto Elias é retratado que o lado vencedor teve interesse em reconstruir o que havia sido destruído no lado perdedor. Essa ajuda se estendeu mesmo após o desaparecimento da ameaça nazista²⁰. Além disso, estabelecer condições para que a pessoa volte a entender a realidade que existia antes do Nazismo é uma opção muito mais efetiva do que impor à população, através do uso da força, uma realidade com a qual eles já haviam perdido contato.

Embora possa se dizer que a prestação de ajuda não cumpriu o papel de ajudar no julgamento, afinal, mesmo com ela, houve resistência por parte alemã, não se sabe o quão pior tal resistência poderia ter sido se não tivesse ajuda nessas questões. Além disso, no mínimo tal ação evitou o crescimento de rancor alemão, tanto é assim, que atualmente a população alemã acredita que sua imagem está manchada por já ter concordado com tais ações²¹ e busca ao máximo evitar que isso aconteça tomando medidas práticas, para tanto, alguns exemplos dessa medida, é vista na atual legislação alemã, onde é configurado como crime a mera negação que o holocausto teria ocorrido.

3. 2 FORMAS COMPLEMENTARES DE INTERVENÇÃO

²⁰ ELIAS, Norbert. **Os Alemães**. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997 p. 28

²¹ ELIAS, Norbert, 1997 p. 28

3. 2.1 Educação

Como dito anteriormente, quando duas morais entram em conflito, naturalmente uma irá suprimir características da outra. Embora o julgamento seja uma dessas formas de intervenção, ele tem uma característica particular que outras formas de intervenção não compartilham. Ele tem por uma de suas funções punir os culpados, e por causa disso a nação cuja a moral está sendo julgada cria uma certa desconfiança e resistência natural a ele o tornando uma medida que embora necessária é menos efetiva do que outras. Felizmente julgar as pessoas consideradas como sendo criminosos não é a única forma que existe capaz de realizar uma intervenção; existem muitas outras algumas como a guerra, que é mais agressiva, e conseqüentemente menos efetiva, porém, também existe outras opções mais efetivas que as duas anteriores.

Em primeiro lugar o que se deve ter em mente é que, quando digo “opções mais efetivas”, elas assim são, ou seriam, consideradas se partirmos do pressuposto que a maior prioridade com essa imposição de valores em cima de uma moral que está sendo reprimida, nesse caso em particular, em cima da moral alemã implantada na época logo após a segunda guerra, é causar uma cessação das práticas nazistas tidas como reprováveis pelo resto do mundo, além de tentar prevenir uma repetição de práticas similares em outros grupos no futuro.

Uma vez que esse pensamento foi estabelecido como sendo o objetivo principal de uma intervenção, fica claro que, o julgamento e punição, embora necessários, não seriam eficazes para alcançar esse objetivo, uma vez que, não possuem essas metas como um de seus objetivos principais a ser alcançado, pelo contrário, seu caráter de retribucionismo incentiva rancor por uma parte para com a outra.

Portanto, se faz necessário, uma extensão de algumas medidas já mencionadas, tal como: as propagandas, porém conforme foi dito anteriormente, embora uma propaganda bem desenvolvida fosse um bom início dificilmente seria o suficiente para erradicar pensamento nazista, e o mais importante, assim como

qualquer outra atitude empregada, se faz necessário uma grande quantidade de tempo para ser investido nessa tarefa, que não é algo para ser alcançado rapidamente.

Além disso, se faz necessário algo direcionado mais especificamente para as crianças. Deve-se lembrar que os pensamentos nazistas ficaram em prática por muito tempo, e que por causa disso, é seguro assumir que algumas pessoas das gerações mais novas já haviam sido modeladas, pelo menos um pouco, por tais ideias. Principalmente ao considerarmos que qualquer governo totalitário intervém diretamente nas escolas, isso visando uma doutrinação das crianças desde cedo quando elas são mais facilmente influenciáveis por tudo que lhes é dito.

No caso do nazismo essa intervenção na escola não foi diferente no livro de Gitta Sereny é retratado que o governo tinha preocupações quanto a educação das pessoas dos países que eles haviam dominado, e mais especificamente possuía uma preocupação com o que e quem deveria ser ensinado.

Um dos exemplos mais nítidos da atenção direcionada ao assunto se dá em uma transcrição do que foi dito por Himmler, um dos ex-líderes do regime nazista sendo considerado o segundo homem mais poderoso dentro do 3º Reich estando abaixo apenas de Hitler. Em certas ocasiões, mais especificamente nos anos de 1941 e 1942, Himmler expressaria sua opinião quanto a questão da educação e de como ela deveria ser abordada. Essas opiniões estavam registradas no livro de Gitta Sereny e foram adquiridas a partir dos registros conhecidos como “*As Conversas de Mesa*” elas foram gravadas a partir de 1941 por iniciativa de Bormann, oficial nazista, que entre os anos de 1933 e 1941 foi chefe do grupo de comando na administração representante do Führer, que sem o conhecimento de Hitler ordenou que às gravações fossem feitas. Ele acreditava que os diálogos de líder nazista deveriam ser levados às gerações futuras como sendo legados de sua época.

Não poderíamos cometer um erro pior do que procurar educar as massas desses lugares. O nosso interesse é que as pessoas saibam apenas o suficiente para reconhecer as placas de estrada. Atualmente elas não sabem ler, e devem continuar nessa condição. [Um ano depois, em julho de 1942, ele voltou a falar sobre o assunto: “Certamente, nenhuma instalação para

ensino superior, a qual simplesmente iria plantar sementes de uma futura oposição ao nosso governo... O ensino da geografia pode ser limitado a uma única frase: 'A capital do Reich é Berlim'...²²

Como se pode ver através dessa transcrição, os próprios líderes do governo nazista reconheciam o perigo que uma educação mais completa poderia representar para eles e suas idéias, se ela fosse entregue a uma população que eles visavam dominar como seus superiores.

Isso acontece por que a educação permite que as pessoas pensem e raciocinem por si mesma, e como o desejo dos nazistas era ter uma população que os obedecessem sem questionar, era necessário suprimir o que era ensinado nas escolas. Uma vez que não fazer isso poderia acarretar na instigação de movimentos contra o nazismo e as idéias que eles representavam e o medo dessa possibilidade, motivou a idéia de intervir ao que era ensinado nos colégios dos países que eram controlados pela Alemanha.

Comprovado a existência dessa possibilidade, nada mais natural do que a explorar. Portanto, o que se faz necessário, é uma pesquisa nas escolas para se descobrir o que era ensinado no nazismo e separar o que deveria continuar a ser ensinado e o que deveria ser mudado, ou mesmo excluído, e uma vez recebido os resultados, elaborar planos de ensino que se adequassem ao necessário.

É importante destacar que tal medida não deveria ficar limitada à Alemanha, mas sim, que se estendesse por toda a Europa que havia estado sob o domínio dos Alemães. Essa medida se fazia necessária por causa de dois motivos principais: O primeiro é que o governo nazista era conhecido por deixar pessoas de sua confiança chefiando os países dominados, com isso, visando que esse país ficasse de acordo com o que eles consideravam certo e dessa forma implantava suas idéias nesses países. O segundo motivo é que ao longo dos anos os alemães desenvolveram a prática de pegar crianças de outros países e entregá-las nas mãos de “peritos de ciências raciais”. Essas crianças participavam de testes e aquelas que eram

²² SERENY, Gitta. **Albert Speer sua luta com a verdade**. 3° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 307

consideradas hábeis eram tiradas de suas famílias e levadas para serem criadas por famílias Alemães. Isso acontecia por que, de acordo com esses supostos especialistas em raças as crianças que haviam sido selecionadas eram dignas de serem germanizadas.

Essa prática ao final da guerra, foi combatida de forma que os governos dos países tentaram devolvê-las as famílias biológicas, porém tal esforço, foi apenas parcialmente recompensado, já que, por causa da guerra fria algumas crianças não foram levadas de volta para sua família original, pelo fato dessa estar do outro lado dessa guerra. Apesar do sucesso limitado da campanha, em alguns casos, o retorno da criança à família original ocorreu sem problemas, porém ao separar essas crianças de suas famílias adotivas é dito que elas passaram a amar sua segunda família²³.

Ao fazer essa afirmação podemos deduzir duas coisas: a primeira é que a criança já estava vivendo com a nova família há um certo tempo e que se ela passou a ver esse grupo de pessoas como sua família, ela naturalmente, teria aprendido coisas com ela e pensamentos nazistas, ou pelo menos, sementes dele já poderiam ter sido implantados na cabeça dela e, isso talvez, fosse o suficiente para moldar a criança durante toda a sua vida caso essa idéia não fosse combatida. Por isso, se fazia necessário dar uma atenção especial na educação dessas crianças.

²³ SERENY, Gitta. **Albert Speer sua luta com a verdade**. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 302

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No debate Responsabilidade e moral coletiva: Voegelin x Arendt temos duas visões a de Voegelin: onde a responsabilidade pelas ações nazista recai sobre todos os alemães de forma coletiva e Arendt: que afirma que a responsabilidade coletiva é apenas uma desculpa para não se procurar os verdadeiros culpados. Acredito que, apesar de Hannah Arendt não estar errada em se preocupar com a possibilidade da responsabilidade coletiva ser usada como uma desculpa de inocentar os mais culpados, Voegelin está certo ao dizer que o povo Alemão possui, em algum grau, uma culpa coletiva. Isso por que, conforme apontado no capítulo 1 a moral e ética são conceitos voláteis e estão em constante mudança de acordo com a sociedade e o tempo. O partido nazista soube influenciar esses dois conceitos de forma a deixá-los de acordo com os seus ideais. Entretanto, a Alemanha não estava isolada e não foi a única responsável pelos fatores que permitiram o nazismo crescer.

A falta de preocupação, dos outros países com a condição da Alemanha após a primeira guerra mundial, assim como o desejo de vingança, serviu como um combustível para o ódio entre os povos. Não foi à toa que em seu livro Winston Churchill quando se referiu a segunda guerra mundial falou “Nunca houve uma guerra mais fácil de impedir do que essa que acaba de destroçar o que havia restado do mundo após o conflito anterior”²⁴. Pôde-se afirmar que a paixão dos vencedores da primeira guerra mundial foi o que empurrou a Alemanha para o abismo. Pois eles foram incapazes de ver além de suas próprias perdas e sacrifícios o que os tornaram incapazes de ver o ponto de vista do outro lado, e assim se permitindo ser conduzido cegamente por seus desejos sem se importar com qualquer repercussão.

Essa falta de consideração com os outros não foi algo exclusivo da França ou dos EUA. Todos os países sabiam o preço que a Alemanha estava pagando e que não tinha como arcar, com eles e mesmo assim, se calaram e consentiram.

²⁴ CHURCHILL, Winston. **Memórias da segunda guerra mundial**. 2º ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1995. p. 1

Para piorar a situação esses países, após retirar os recursos e impôr penas pesadíssimas, deixaram a Alemanha livre para fazer o que quisesse sem prestar qualquer tipo de auxílio, dessa forma, possibilitando o crescimento de um movimento que inevitavelmente levaria a uma outra guerra. Movimento esse, que era possível perceber o crescimento e as suas possíveis implicações.

Claro que, é difícil imaginar que algum Estado ajudaria a Alemanha, principalmente considerando o quanto cada povo vencedor da primeira guerra estava agindo apenas para satisfazer seus desejos. Porém, não seria completamente impossível, uma vez, que ao final da segunda guerra mundial o Japão recebeu auxílio para se recuperar das explosões nucleares de Hiroshima e Nagasaki. Aqui poderia ter sido aplicada a matéria do capítulo 2 onde é abordado diferentes formas de intervenção.

Portanto, quando se fala em “responsabilidade coletiva” acreditou que, não se trata de uma responsabilidade exclusiva do partido nazista ou dos alemães, mas sim, de todos os países que poderiam ter ajudado a Alemanha antes que o movimento nazista tomasse proporções tão grandes. Afinal, deve-se lembrar, que esse movimento não cresceu da noite para o dia e existiu diversas ocasiões onde a Liga das nações, órgão internacional criado após a 1ª guerra mundial com o intuito de manter a paz, poderia ter intervindo várias vezes. Seja através de campanha militar ou mesmo através de medidas pacíficas como as que foram abordadas no capítulo 2, seja a criação de campanhas para educação, seja se empenhando para dar a Alemanha uma maior estabilidade política entre outras.

Por fim, quando um órgão internacional é criado, com o intuito de manter a paz, e não faz nada para impedir o crescimento de uma ideologia tão radical quanto o nazismo, que trazia consigo uma promessa clara de guerra, esse órgão, assim como todos os países que faziam parte dele, falharam no seu dever e tem uma parcela de responsabilidade sobre os resultados de suas ações ou omissões. No presente caso, a criação e crescimento do Partido Nazista, assim como, o desenvolvimento da segunda guerra mundial.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CHURCHILL, Winston. **Memórias da segunda guerra mundial**. 2º ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1995.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. 7ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**. 5º ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 2002.

SERENY, Gitta. **Albert Speer sua luta com a verdade**. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SHARP, GENE. **Poder, luta e defesa**. Disponível em:
<http://www.palathena.org.br/eticaeculturadepaz2012/download/modulovii/poder_luta_e_defesa_gene_sharp.pdf>. Acesso em: 02 set. 2017.

SOUKI, NÁDIA. **Hannah Arendt e a Banalidade do Mal**. 8º ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006

TAILLE, YVES DE LA. **Moral e ética**. Disponível em:
<<https://online.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536306285/cfi/2!/4/4@0.00:0.00>>. Acesso em: 02 set. 2017

VOEGELIN, Eric. **Hitler e os alemães**. 22 ed. São Paulo: É realizações, 2015.